

As Pastorinhas de Santarém¹

Wilson Fonseca²

O meu afã de preservar a memória de minha terra, notadamente no campo cultural, levou-me a realizar mais este modesto trabalho, que se relaciona ao levantamento e reconstituição do enredo, versos e músicas de uma das tradicionais Pastorinhas que se encenaram em Santarém na primeira metade deste século.

Motivação e conhecimento da matéria não me faltaram para enfrentar a tarefa, porque participei ativamente dos últimos cordões, na primeira metade da década dos anos 30, quer como autor de alguns números de música, quer como dirigente e componente do pequeno conjunto musical que fazia o acompanhamento.

Posso precisar que o resultado deste trabalho, com ligeiras alterações, corresponde à última "Pastorinha" encenada pelo casal Joaquim Toscano-Lena Vasconcelos, no Natal de 1934. Daí para cá, praticamente, nunca mais tivemos Pastorinhas na cidade.

Alcansei a reconstituição completa e aproximada desse Cordão de Pastorinhas de 1934, graças à valiosíssima ajuda partida das privilegiadas memórias das Irmãs Zélia e Helena Sussuarana de Vasconcelos que, mesmo residindo há muitos anos em São Paulo, não se desvincularam de nossas tradições, e também à preservação em caderno efetuada providencialmente por Maria Ancila Franco Sarmento e Maria Luiza Mendonça - preciosos subsídios que me chegaram às mãos pela diligência e acionamento de minha dileta bicomadre Maria Nélia de Vasconcelos Dias. As Vasconcelos são todas filhas do casal Joaquim / Lena; a Sarmento é sobrinha de dona Teté Sarmento e a Mendonça, como aquelas, (salvo Helena que, por ser muito criança ainda, era apenas ouvinte), tomou parte dessa última Pastorinha. De posse desse magnífico material, passei a escarafunchar os arquivos da memória e a resolver os escaninhos do meu baú. E tudo, então, tornou-se muito mais fácil, acrescido com as luzes do Espírito Santo que me deram a capacidade suficiente para preencher os claros e reparar as falhas próprias de quando a preservação é feita com base em transmissão oral.

A maioria dos versos deve ser da autoria do poeta santareno Felisbelo Sussuarana que era irmão de D. Lena, havendo apenas um ou dois da lavra de Paulo Rodrigues dos Santos. As músicas, com exceção de dois números, são da minha autoria e de meu pai José Agostinho da Fonseca que, coincidentemente, completa o seu primeiro século de nascimento neste ano de 1986. A ele presto a minha homenagem com este trabalho em que se faz presente com a sua arte.

Já em 1968, em trabalho publicado no "Programa da Festa de N. Sra. da Conceição", a nossa Equipe de redação lamentava:

"O Passado acumulado é o único tesouro do homem, o seu privilégio, a sua marca, o que realmente o distingue dos animais inferiores".

(Ortega y Gasset)

"Não somente Santarém, mas em todo o país, observa-se, para o ano, aquele sentido profundamente religioso de outrora, evoluindo, de uma comemoração piedosa que já nos vamos habituando a assistir. É assim como um campeonato de vendas, dirigido pela ainda muito querida mas já tão desvirtuada imagem de Papai Noel..."

A melancólica verdade é que as famosas "PASTORINHAS" atualmente, existem entre nós na lembrança e na saudade dos mais idosos. Criança de agora nem sabe ao menos o que é "esse negócio de pastorinha que a vovó fala..."

Mas a chamada "Pérola do Tapajós" já teve a satisfação de assistir, em épocas não muito recuadas, as encantadoras "Pastorinhas", primorosamente ensaiadas, que constituíam a grande atração das festividades natalinas. Eram célebres os conjuntos pastoris organizados por D. Teté Sarmento, D. Maria das Dores e pelo casal Lena e Joaquim Toscano, todos já falecidos. Salvo algumas iniciativas esparsas, desde 1935 não desfrutamos do privilégio de aplaudir as singelas pastorinhas que, com tanta graça e ternura, louvaram ao Deus - Menino.

Os autores pastoris tinham a sua primeira encenação diante do presépio armado na Igreja Matriz de N. Sra. da Conceição, aonde voltavam para o encerramento com a "queima das pahlinhas". No período de 24 de dezembro (véspera de Natal) a 6 de janeiro (Dia de Reis), duração da quadra natalina, os grupos percorriam casas previamente escolhidas, onde pontificavam a armação de um presépio.

E como Santarém sempre gosta de ser original, as nossas pastorinhas geralmente cantavam versos de Felisbelo Sussuarana e Paulo Rodrigues dos Santos e outros, e músicas de José Agostinho da Fonseca, Raimundo Fona e Wilson Fonseca, com raros números resguardados à posteridade.

A minha alegria foi enorme, ao concluir com êxito este trabalho. Eu gostaria de poder ainda fazer novos levantamentos de outros autos e peças de teatro da cultura santarena. Mas a idade avança!

Santarém - Pará - novembro de 1986

PASTORINHAS

Personagens, por ordem de entradas:

1 Pastor	1 Camponesa
1 Anjo	1 Samaritana
1 Pastora Perdida	2 Saloias
8 Pastorinhas	2 Galegos (casal)
2 Floristas	1 Diana
2 Ciganas	1 Estrela

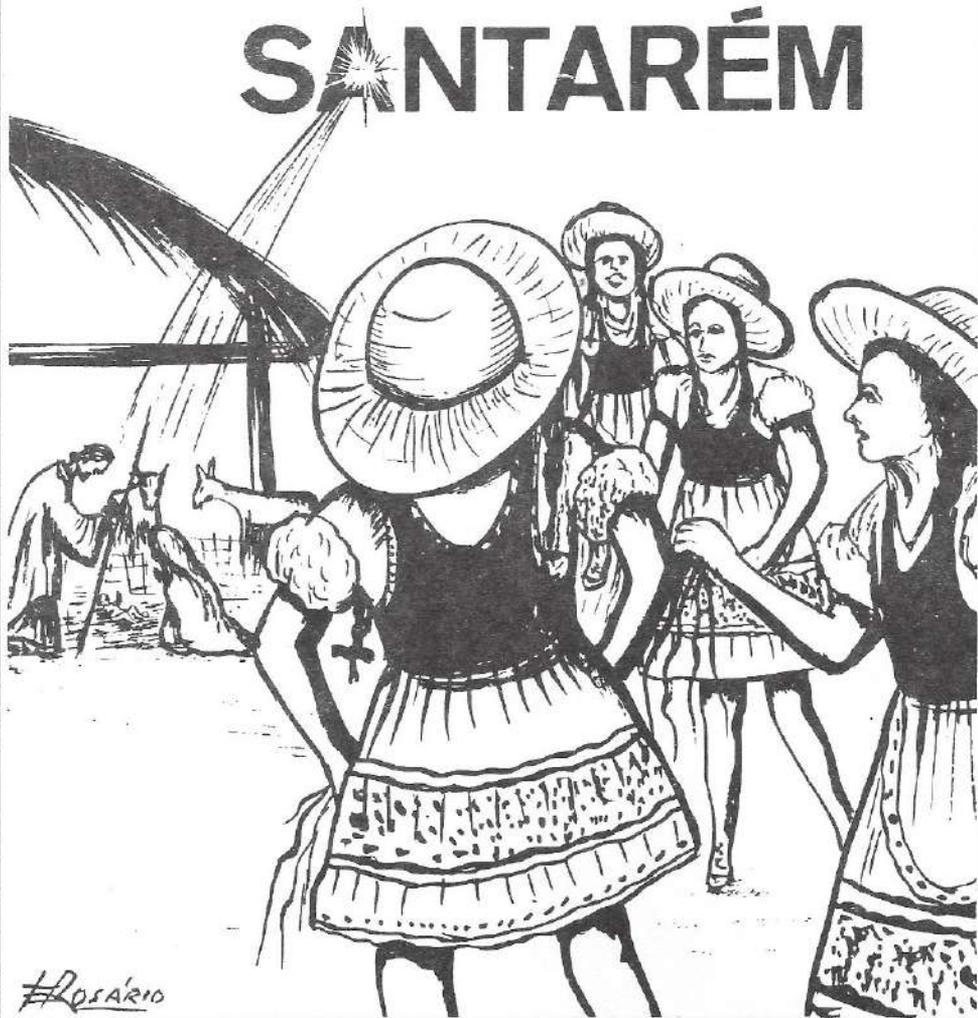
¹ Fragmentos da publicação de 1986: *As Pastorinhas de Santarém*.

Apresentamos, aqui, algumas partituras que fazem parte do trabalho, e a síntese das pesquisas citadas pelo Autor.

² Wilson Fonseca (Mestre Isoca) é maestro e criador do Baú Mocarongo, memória da cultura santarena.

Wilson Fonseca

PASTORINHAS DE SANTARÉM

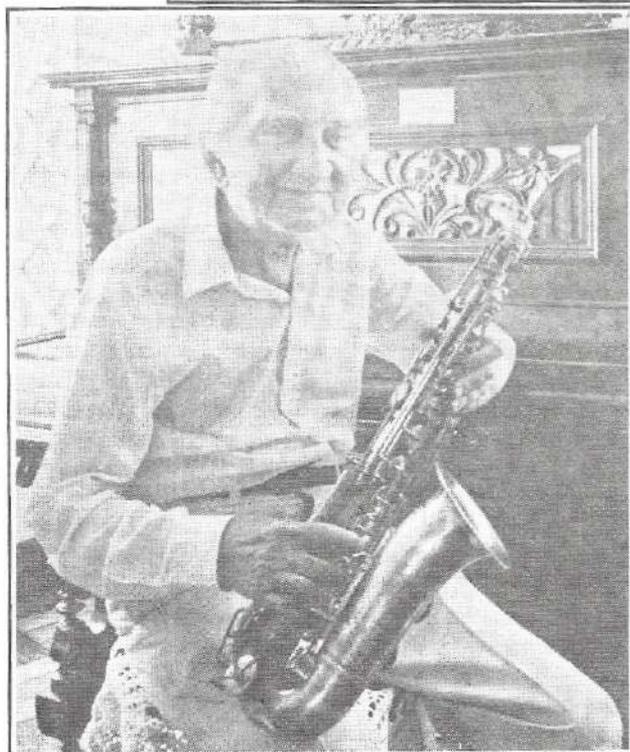


Capa do livro de Wilson Fonseca, composição e impressão da Gráfica Tiagão, Santarém-Pará, 1986. Ilustração da capa: Elias do Rosário.

Comissão editorial: Maria Nélia Vasconcelos Dias, Risoneide Rocha Wanghan, Wilde Dias da Fonseca

CANTO DE ENTRADA
ENTRADA DAS PASTORINHAS
Música de Wilson Fonseca

ALLEGRO I



Wilson Fonseca (Mestre Isoca)

Pastorinhas

Lá bem próximo do prado
Nos espera o pastor guia
Para irmos adorar Bis
Jesus filho de Maria

Pastores

Tão contentes como nós
Cremos verdes, companheiros Bis
A cantar alegremente
E a tocar vossos pandeiros.

Pastorinhas

Ao romper da doce aurora
Mais que nunca o sol brilhou
Deste mistério a grandeza Bis
Mais depressa se espalhou.

SÍNTESE DE PESQUISAS

Auto da Lapinha, Bailes Pastoris, Pastoris, Cordão de Pastorinhas ou, em nosso caso, simplesmente **Pastorinhas**.

“Dança dramática ou folguedo realizado nos festejos de Natal a Reis. Em suas origens européias eram dramas litúrgicos apresentado em igrejas; depois assumiram caráter profano, mantendo apenas fracas ligações com o acontecimento religioso festejado. Essa dança dramática chegou ao Brasil trazida pelos jesuítas, havendo indícios de sua existência já no século XVI (...) As melodias dos pastoris eram, inicialmente, adaptações de músicas sacras e posteriormente de canções, valsas e modinhas. A “queima” é a última parte da representação do pastoril. O presépio é desmanchado e as palhas, que foram utilizadas na formação do nicho, são retiradas pelas pastoras e levadas em cortejo para um local previamente escolhido, onde são queimadas. Em torno da fogueira forma-se um círculo de moças e rapazes que, de mãos dadas, entoam uma canção que termina com os versos: “Até para o ano/Se nós vivas (vivos) formos”. (ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA BRASILEIRA – ERUDITA FOLCLÓRICA POPULAR, Art. Editora Ltda. – São Paulo, 1977 – p. 590 e 633).

xxx

“Os bailes pastoris e os pastoris em geral são festas oriundas das janeiras lusitanas, que se realizam entre o Natal e o dia de Reis. São pequenas representações dramáticas, com cânticos e danças, de que se incumbem somente meninas, feitos diante dos presepes. Como nota **Sylvio Romero**, a letra desses bailes não é popular, anônima, mas pastiches de poetrastos (...) No baile, propriamente, há a considerar a parte coreográfica. Pode bem ser que outrora, as danças tivessem importância, mas nos últimos tempos, é coisa muito secundária, limitando-se a passos de marcha, avanços e recuos, voltas e semi-giros, acompanhando a cadência das toadas, em movimento de marcha. O que tem maior significado no Pastoril, é constituírem as Pastoras o elemento básico na função, o côro, tomado como personagem. Ele é que tem o papel dramático, sendo os Pastoris reminiscências dos autos de Natividade e dos vilancicos portugueses, poemas dialogados e musicados sobre motivos religiosos e profanos (...) Os Pastoris, no Brasil, chegaram com os jesuítas e desde o século XVI que deles temos notícia (...) Foram utilizados como meio de evangelização e depois como diversão do tempo de Natal. Não há uma informação segura da forma por que se foram modificando, mas, por certo, não sofreram numerosas nem profundas alterações, apenas ganharam uma certa liberdade de assunto, que às vezes se afastava do sentido hierático primitivo. Não foram nunca populares no sentido exato da expressão, nem o povo os aproveitou como coisa sua. Viveram sempre em sociedade (...) O enredo é simples e banal, a música tradicional, mas deformada com árias de óperas, fato que bem denuncia a sua origem semi-erudita (...) Os Pastoris se cantam ainda em vários Estados do Norte, mas em plena decadência e talvez, em pouco tempo, deles só reste a lembrança. (...) Na última noite dos Pastoris se faz a queima da lapinha. A lapinha é a reprodução da manjedoura onde Jesus nasceu em Belém e que se ostenta ao meio dos presepes, toda feita de folhagens. Estas secam e se tornam palhas. No último dia, essas palhinhas são levadas para serem queimadas no adro da igreja mais próxima. Então, nessa noite, o folguedo recapitula quase todas as jornadas e o leilão de prendas, que de faz depois de cada função dos Pastoris, adquire uma importância muito maior. Lá pela madrugada, a lapinha é retirada do presepe e as pastoras a levam para ser incinerada (...) O Pastoril desaparece e hoje podemos considerar uma tradição perimida, embora seja encontrada da Bahia para cima. Ou por ser o ‘menos interessante de todos os nossos bailes dramáticos’, ou por seu caráter ingênuo e infantil, tornou-se uma sensaboria, que não distrai mais nem sequer as crianças. Feito como meio de cultivo religioso e edificação, perdeu esse próprio espírito e se tornou de todo profano, quando não licencioso em certos lugares (...) O progresso, as inovações da nossa era de velocidade, a música mecânica, o rádio, o cinema, tudo isso contribui para a decadência de todas essas formas populares de diversões. Impurezam-se outras ou o próprio meio se vai tornando estranho a tais folguedos. Como os Bailes Pastoris ou Pastoris e as Pastorinhas marcham para um inevitável declínio, incapazes de divertir os moços de hoje. Estes habituados às fantasmagorias do cinema, às revistas espalhafatosas e excitantes, não acham o menor sabor em ingênuos bailes ou desfiles de pastoras”. (RENATO ALMEIDA, *História da Música Brasileira* – F. Brigueit Cia. – Editores – Rio de Janeiro – II Ed. 1942).

xxx

“Introduzido no Brasil em 1954, o padre Fernão Cardim dá seu testemunho a respeito: ‘Neste Colégio (dos jesuítas, no Rio de Janeiro) tivemos o Natal com um presépio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal; e também cá Nosso Senhor dá as mesmas consolações, e avantajadas. O irmão Barnabé Telo fez a LAPA, e às noites nos alegra com seu berimbau”. (ADHEMAR DA NOBREGA, in *Auto da Lapinha*, p. 114 da *Revista Brasileira de Folclore*, Ano XII, Nº 33, maio/agosto de 1972).

xxx

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, folclorista recém-desaparecido, em seu apreciado *Dicionário do Folclore Brasileiro* fixa o ano de 1391, como o da origem do Auto da Lapinha

A despeito da peculiaridade de serem as pastorinhas de Santarém musicadas por compositores da terra, podemos observar que esta *Pastorinhas* não fugiu à regra do enxerto de trechos de óperas e operetas. O canto do Anjo (Nº 1-a) é a *Ave Maria* de *Il Guarany* de Carlos Gomes e o da *Estrela* (Nº 14 a) e o da *Pastora Perdida* (Nº 2b), são destaques da opereta *Gheisha*, de Sydney Jones.

Nº 1a – ANJO
(Do "Il Guarany" de Carlos Gomes)

1

Anjo - Hosana ao Criador
 Hosana ao Deus clemente
 E pas e eterno amor
 A todo ser vivente
 Mortais, erguei bem viva
 A fé no coração
 Chegou a hora altiva
 Da vossa redenção
 Chegou a hora altiva (...)
 Da vossa redenção,
 Coro - Nossa redenção.

2

Coro - Nasceu o pequenino
 Na pobre gruta de Belém,
 Nasceu o Deus-Menino
 Para o vosso bem
 Vem dar-vos vida eterna
 Pois Ele é o Salvador.
 Que a fé seja superna,
 Supernos paz e amor
 Que a fé seja superna (...)
 Supernos paz e amor.
 Coro - Paz e amor!

Nº 2-b PASTORA PERDIDA
 Letra de Felisbelo Sussuarana
 Música da opereta "Gheisha" de Sydney Jones

NÃO VEMOS A PASTORA PERDIDA AQUELA QUE DEUS SEPAROU DE
 NÓS COMO ESTRELA DA MANHÃ QUE A LUZ DO SOL ECLIPSOU POR
 ONDE ANDARÁS, PASTORA LINDA ENCONTAREMOS TODA EM FLOR AH! VOLTA QUE
 ESPERAMOS A TUA VINDA PRA JUNTAS ADORARMOS AO SENHOR
 FORA DE CENA CANTA, AO LONGE, A PASTORA PERDIDA ENTRA EM CENA A
 PASTORA PERDIDA, TAMBÉM TRAZENDO CAJADO, ENTOANDO A CONTINUAÇÃO DO SEU CANTO:

CANTO Nº 02 - PASTORA PERDIDA

Não vemos Pastora, nossa irmã,
 Aquela que de nós se desviou
 Sumiu-se como estrela da manhã
 Que a viva luz do sol eclipsou

Por onde andarás, Pastora linda,
 Encanto da campina toda em flor
 Ah! volta que esperamos a tua vinda,
 Pra juntas adorarmos ao Senhor.

Fora de cena canta, ao longe, a PASTORA
 PERDIDA:

Perdida entre as balseiras,
 Pelos montes a vagar.
 Buscando as companheiras
 E por elas a clamar.

Desci, subi valados,
 Gritando sem cessar;
 Meus ais foram baldados
 E só me resta chorar, chorar!

Entra em cena a PASTORA PERDIDA,
 também trazendo cajado, entoando a
 continuação do seu canto:

Té que enfim, ao meu lar
 Consegui retornar!
 Como me sinto feliz, reviver,
 Minhas pastoras, gentis a revcr.

Cantam em coro as PASTORINHAS,
 abraçando a irmã reconquistada:

Bela irmã, que prazer
 temos nós em te ver,
 Em ver tua face louçã a sorrir,
 Nos sentimos, nossa linda irmã, reflorir.

GUERRA PEIXE, renomado mestre de música de nossos dias, dá muita importância ao compositor que escreveu músicas para pastoris, pois referindo-se à obra do compositor santareno **José Agostinho da Fonseca**, observa: "Fiquei muito contente em ler obras na própria partitura para banda, que dão uma idéia mais completa do que escreveu o compositor. Mais contente, ainda, por saber que escreveu música para pastoris e para revista, a boa revista de outrora. Isto mostra como o compositor foi atuante". (in carta endereçada do Rio de Janeiro em data de 21/04/1981 a Wilson Dias da Fonseca).

CANTO Nº 3
PASTORES
Música de José Agostinho da Fonseca

ANDANTE

A DES- PON- TAO SOL HON-RI- ZON- TE NÃO TAR-DA O DI- A NAS- CEA

OS PAS- TO- RES DES- CEN- DUN- TE PA- RAO RE- BA- NHO PAS- CER,

OS PAS- TU- RES DES- CEN- DUN- TE PA- RAO RE- BA- NHO PAS- CER,

OS PAS- TU- RES DES- CEN- DUN- TE PA- RAO RE- BA- NHO PAS- CER.

CANTO Nº 03 - PASTORES

1
Desponta o sol no horizonte
Não tarda o dia nascer
Os pastores descem o monte
Para o rebanho pascer,
Os pastores descem o monte
Para o rebanho pascer,
Os pastores descem o monte
Para o rebanho pascer.

2
Amigos, vinde, quero dar-vos
A boa nova que trago,
Vinde que vou esperar-vos
Aqui bem junto do prado,
Vinde que vou esperar-vos
Aqui bem junto do prado
Vinde que vou esperar-vos
Aqui bem junto do prado.

CANTO DE DESPEDIDA
Música de Wilson Fonseca

A DEUS, A DEUS, A-DEUS COM-PA-NHEIROS RE-GRES-SE-MOS
 QUE JÁ RA-IA A MA-DAU-GA-DA PE-LAS MOI-TAS DOS CA-
 MI-NHOS. A-DEUS, A-DEUS, A-DEUS CAN-TA-LE-GREA PAS-SA-
 DA DA DES-TA NOI-TEA BEN-CO-A-DA A DEUS CAM-PO, A-DEUS
 QUE SAU-DA-DES VÊM PUN-CHR NOS-SAS AL-MAS PI-E-DO-SAS MAS PRE-
 CI-SO É PAR-TIR OS PAS-TO-RES SE DES-PE-DEM DO PRE-
 SE-PIO DO SEU DEUS A-DEUS TER-RA DE BE-LEM. A-DEUS, A-DEUS, A-DEUS

Adeus, adeus, adeus
 Companheiros regressemos
 Que já raia a madrugada
 Pelas moitas dos caminhos.
 Adeus, adeus, adeus
 Canta alegre a passarada
 Desta noite abençoada
 Adeus campo, adeus, adeus.
 Que saudades vêm pungir
 Nossas almas piedosas
 Mas preciso é partir.
 Os pastores se despedem
 Do presépio, do seu Deus
 Adeus terra de Belém.